



**A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA ACERCA DO
TRABALHO COM A DIVERSIDADE CULTURAL NA PENÍNSULA
IBÉRICA**

**THE HISTORY TEACHER'S PERSPECTIVE ON WORKING WITH
THE CULTURAL DIVERSITY IN THE MEDIEVAL IBERIAN PENINSULA**

**LA PERSPECTIVA DE LOS PROFESORES DE HISTORIA SOBRE EL
TRABAJO CON LA DIVERSIDAD CULTURAL EN LA PENINSULA
IBERICA**

Maria Aparecida Avelino¹

<http://orcid.org/0000-0002-3789-0460>

Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Campus Machado, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

A presente reflexão buscou conhecer o modo pelo qual a temática acerca da diversidade cultural na Península Ibérica Medieval é tratada nas aulas de História e para isso desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com a realização de entrevistas com professores dos primeiros anos do ensino médio. As análises evidenciaram que as formações acadêmica e profissional constituem fatores preponderantes para o desenvolvimento de uma prática docente comprometida com a diversidade. As questões de intolerância racial e religiosa são trabalhadas a partir dos conflitos que surgem no ambiente da sala de aula e da contextualização dos conteúdos dos livros didáticos. As referências à Península Ibérica são ainda problemáticas, pois incluem vários estereótipos genéricos sobre o medievo.

Palavras-chave: Idade Média; Península Ibérica; Diversidade Cultural.

ABSTRACT

The present reflection sought to know the way in which the thematic about the cultural diversity in the Medieval Iberian Peninsula is treated in the classes of History classes and for that a qualitative research was developed with the accomplishment of interviews with teachers of the first years of the high school. The analyzes showed that the academic and professional formations are preponderant factors for the development of a teaching practice committed to diversity. The questions of racial and religious intolerance are worked out from the conflicts that arise in the classroom environment and from the context of the contents of the textbooks. The references to the

¹Graduada em História pelo Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Especialização em Metodologia do Ensino pelo Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado – CESEP. Mestrado em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL. É Técnica em Assuntos Educacionais no IFSULDEMINAS - Campus Machado. E-mail: maria.avelino@ifsuldeminas.edu.br

Iberian Peninsula are still problematic, since they include several generic stereotypes about the Middle Ages.

Keywords: Middle Ages; Iberian Peninsula; Cultural diversity.

RESUMEN

Esta reflexión buscó comprender la forma en que se trata el tema de la diversidad cultural en la Península Ibérica medieval en las clases de Historia y para ello se desarrolló una investigación cualitativa con entrevistas a profesores de los primeros años de bachillerato. Los análisis mostraron que la formación académica y profesional son factores importantes para el desarrollo de una práctica docente comprometida con la diversidad. Los temas de intolerancia racial y religiosa se abordan a partir de los conflictos que surgen en el ámbito del aula y la contextualización de los contenidos de los libros de texto. Las referencias a la Península Ibérica siguen siendo problemáticas ya que incluyen varios estereotipos genéricos sobre lo medieval.

Palabras clave: Edad Media; Península Ibérica; Diversidad cultural.

Introdução

A exclusão de determinados grupos étnicos que participaram do processo de formação cultural da Península Ibérica Medieval, com reminiscências no Brasil é o assunto abordado nesse artigo. Isso, é levado em conta, uma vez que a visão única e eurocêntrica de nossa História ainda permanece forte e sustenta um passado uniforme e excludente de povos com formas de organização diferente dos dominadores. A ideia de que os conteúdos do livro didático mostram a história pelos olhos dos grupos dominantes em detrimento das minorias culturais e étnicas, ainda está bastante evidente no meio acadêmico e nas salas de aula das escolas brasileiras. Percebe-se a valorização de um currículo eurocêntrico que privilegia a cultura branca cristã e menospreza as outras culturas dentro da composição do currículo escolar.

Para Macedo (2007), quando se trata da história da Europa Medieval, há uma predominância historiográfica que dá ênfase à França, à Inglaterra, à Alemanha e à Itália. O autor chama a atenção para a importância da Península Ibérica para a Idade Média e para a formação cultural brasileira.

Desse modo, repensar o ensino da Idade Média implica, em primeiro lugar, na reflexão sobre a propriedade de continuarmos a transferir conhecimentos relativos a uma Europa que, na verdade, se restringe à parte ocidental (França, Inglaterra, Alemanha, Itália) daquele continente, mantendo em segundo plano os dados relativos ao Norte (países escandinavos), o Leste (países eslavos) e a Península Ibérica (Portugal e Espanha). Para nós, faz muito sentido compreender a formação dos povos ibéricos, pois isso nos permite compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar. Tendo isso em mente, aliás, o ensino de História Medieval ganha outra dimensão (MACEDO, 2007, p. 115-116).

A Idade Média Ibérica vivenciou períodos históricos que foram marcados por conflitos entre cristãos e muçulmanos. “Na base da questão estava a alteridade religiosa, fator ideológico” (SENKO, 2012, p. 5). Mas, embora tenham existido esses períodos onde a convivência era difícil, a

guerra não foi contínua e, na maior parte do tempo, houve paz. A relação entre cristãos e muçulmanos baseava-se na troca cultural e na realização de atividades em conjunto. Havia, então, na Península Ibérica Medieval uma sociedade híbrida constituída pelos constantes intercâmbios culturais entres cristãos, muçulmanos e também judeus. Conhecer melhor, de uma forma mais abrangente e profunda, a relação desses sujeitos históricos incorre em dar oportunidade às vozes e aos pontos de vistas que são, muitas vezes, silenciados pela escrita da história.

Dessa forma, esta proposta também se encaixa nas tendências atuais do ensino de História, quando propõe a descolonização do ensino de História por meio da transformação da Península Ibérica em uma espécie de “núcleo gerador de consciência histórica” (MACEDO, 2007, p. 116).

O domínio muçulmano na Península Ibérica, durante a Idade Média, fez dessa região um lugar com um modo de vida singular, em virtude da coexistência de cristãos, muçulmanos e judeus. Nos oito séculos desse domínio, múltiplas influências e intercâmbios se processaram nesse âmbito geográfico e no tempo histórico entre as três religiões monoteístas, deixando marcas profundas de sua cultura no imaginário europeu. A América portuguesa não ficaria imune a essa influência.

A discussão do espaço geográfico da Península Ibérica no Ensino de História do Brasil é pertinente, uma vez que Portugal e Espanha tiveram relevantes contribuições na História da América Latina. Crenças, valores, ética e religiosidade que imperam no país têm suas raízes na Península Ibérica Medieval. Estudos sobre a diversidade cultural, étnica e religiosa desse período poderão trazer uma contribuição de grande relevância para a compreensão da formação cultural do Brasil. Nessa perspectiva, considerou-se importante conhecer o modo pelo qual a temática acerca das minorias étnicas do medievo ibérico é tratada nas aulas de História nos primeiros anos do ensino médio.

Aspectos Metodológicos

Para o estudo do problema apresentado desenvolveu-se uma pesquisa de natureza qualitativa e os dados foram coletados por meio de entrevistas que foram realizadas com os professores de História do Ensino Médio em três escolas públicas situadas no Sul de Minas Gerais.

Os professores que participaram da pesquisa foram àqueles que ministram a disciplina de Histórias nos primeiros anos do ensino médio considerando que o conteúdo envolvendo a Península Ibérica é abordado nesses anos em específico.

Foram oito os professores entrevistados e para manter o anonimato, os nomes dos entrevistados foram resguardados e para as citações foram substituídos pelos seguintes: Francisco, Leonardo, Luiz, Oscar e Paulo para os professores; Anita, Dulce e Maria para as professoras.

As entrevistas foram realizadas por meio de roteiro semiestruturado com o uso da técnica do vídeo gravador, tendo sido adotado um pequeno conjunto de nove perguntas para orientação do entrevistado, porém aberto a algumas interferências por parte da pesquisadora conforme ia surgindo a necessidade de retomar algum aspecto importante durante a conversa para recompor o contexto da entrevista e alcançar os objetivos. Depois de gravadas, foram transcritas e, com o texto em mãos, foi feita a conferência frase por frase. As transcrições foram encaminhadas individualmente por e-mail para cada entrevistado para possíveis correções sem alteração no conteúdo. O roteiro adotado foi:

1) Qual a sua trajetória acadêmica e profissional? Sua formação acadêmica contribuiu para reforçar ou mudar seu olhar com relação aos estereótipos que são atribuídos aos muçulmanos, judeus, negros e índios? Como você descreve sua atuação profissional no que concerne ao preconceito e discriminação desses grupos étnicos?

2) E sua formação não acadêmica, como você a descreve? Essa formação adquirida com a experiência e a vivência contribuíram para a construção ou desconstrução de uma visão preconceituosa e estereotipada de grupos étnicos considerados culturalmente inferiores? Que fatores foram relevantes para essa mudança de olhar e postura?

3) Para você o que faz um livro didático ser bom? Qual uso efetivo você faz desse recurso? Você prepara suas aulas com base nos conteúdos que constam nele?

4) Você concorda que muitos manuais ainda trazem em seus conteúdos visões reducionistas e preconceituosas sobre os muçulmanos, judeus, índios e negros? Por que isso acontece? Que ações poderiam ser empreendidas para problematizar tais visões e abordar temas como a diversidade de forma mais aprofundada?

5) Como você avalia o processo de escolha do livro didático de História pelo PNLD? O programa atende suas expectativas com relação à abordagem da diversidade cultural, étnica e religiosa?

6) De que forma você trabalha a questão da intolerância racial e religiosa em seu cotidiano profissional? Já desenvolveu algum projeto que tenha lhe ajudado a conhecer e valorizar a diversidade cultural e a integração de todos os seus alunos? Explique.

7) Como você vê o tratamento dado pelo livro didático de História no que se refere à Idade Média num sentido geral e, de maneira específica da História Ibérica medieval?

8) Qual a sua percepção sobre a possibilidade de construir em sua escola grupos de estudos com a finalidade de analisar os conteúdos dos livros de História para verificar a abordagem de temas como História Ibérica, minorias étnicas e religiosas e preconceito? Acha isso relevante para a sua atuação profissional? Explique.

9) Comentários e considerações finais.

Em relação à formação dos docentes que participaram da entrevista, todos possuem licenciatura plena em História, o professor Francisco possui também licenciatura em Pedagogia e já atuou na área. Dos oito entrevistados, sete cursaram o Ensino Superior em universidades privadas e três em universidades públicas. Em termos de pós-graduação, os dados revelaram que dos oito que participaram das entrevistas, cinco possuem especialização, três possuem mestrado, um tem doutorado e um não possui pós-graduação. O tempo de atuação no magistério revelou uma composição de profissionais experientes: 60% deles já atuam há mais de dez anos, sendo que a média de tempo do grupo é de 17,3 anos.

A perspectiva dos professores sobre a abordagem da diversidade cultural na Península Ibérica

Para os profissionais entrevistados, a formação profissional e acadêmica, com certeza, foi e ainda é significativa para o cotidiano da sala de aula. Especificamente, no que tange à sua importância na desconstrução de preconceitos e de estereótipos sobre as minorias étnicas, as visões apresentadas trazem as seguintes ponderações:

[...] sem dúvida nenhuma, o curso de História, decisivamente, foi importante pra rever alguns paradigmas construídos do senso comum sobre o indígena, sobre o muçulmano. Afinal de contas, as informações que nós recebemos da mídia são, no mínimo, tendenciosas e o modelo massificante tende a criar esses estereótipos. Então a minha formação, principalmente História, foi muito importante pra isso. (Francisco, professor de História).

Com certeza a minha formação acadêmica ao longo do tempo ajudou para mudar essa relação de estereótipos em relação às minorias, tanto muçulmanos, judeus, negros e índios e entre outras minorias. Busco sempre estar me atualizando através da literatura, jornais, documentários e também não só buscando os grandes meios de comunicação, como também algumas revistas alternativas, alguns livros alternativos, que mostram uma visão diferente daquilo que a grande massa acaba por assistir e por ler. (Luiz, professor de História).

A professora Dulce atribui sua visão em relação às minorias étnicas e religiosas ao fato de ter cursado a disciplina de História Ibérica na graduação e ainda aponta que essa formação representa uma importante influência na sua prática docente,

[...] basicamente, pensando na minha formação em relação a essas questões, eu tive na minha graduação uma disciplina específica de História Ibérica, a gente estudou essa formação da Península Ibérica, eu posso dizer que, sem dúvidas, para mim, essa formação contribuiu pra desfazer esses estereótipos. Então ela foi uma formação que caminhou nesse sentido, trabalhar com a diversidade, com essa multiplicidade e em sala de aula eu tento sempre fazer também esse tipo de movimento com os alunos, no sentido de tentar desfazer essa ideia de uma superioridade, uma inferioridade cultural. Muitas vezes existe uma certa ideia da história eurocêntrica que coloca os europeus como se eles fossem o ápice do

processo de desenvolvimento humano e todo o resto são povos inferiores são povos menores.

Obviamente, a formação de qualquer profissional da Educação não está completa quando finaliza a escolaridade regular, e qualquer profissão exige aperfeiçoamento e constante atualização. No que tange ao trabalho docente, por lidar com um público bastante heterogêneo, considera-se sumamente importante que o professor obtenha conhecimentos sólidos sobre as discussões que envolvem as diferenças étnicas, raciais, culturais, religiosas e sociais.

A relação do professor com o livro didático e com os programas oficiais que estabelecem os currículos das instituições escolares também demanda uma formação acerca dos saberes históricos e dos saberes pedagógicos. Isso, com o intuito de adotar métodos inovadores para questionar a manutenção de uma história eurocêntrica e as ausências dos diferentes sujeitos na constituição da história do país. Importa ainda buscar o compromisso com a constituição de identidades plurais e significativas para o conjunto da sociedade. Como assevera Bittencourt (2011, p. 95):

As análises sobre a história do ensino de História e constituição da memória social têm sido problematizadas a partir das lutas dos movimentos sociais que, dentre outras reivindicações, exigem os estudos sobre novos sujeitos relegados e omitidos pela história acadêmica e escolar.

O professor Paulo avalia positivamente sua formação não acadêmica: “minha formação pessoal foi positiva na questão de desconstruir esse preconceito, porque tive muita convivência com diferentes etnias e diferentes níveis sociais”. Da mesma forma, identifica-se essa compreensão nas respostas dos professores Francisco e Leonardo:

Eu sempre circulei por meios da diversidade: diversidade cultural, diversidade religiosa e, essencialmente, por conviver com vários meios, tantos amigos protestantes, amigos católicos, amigos muçulmanos. Logicamente a convivência, o conhecer o outro profundamente faz com que a gente diminua os nossos preconceitos, que a gente entenda a outra parte. Então ao mesmo passo que tinham reforços negativos para que houvesse preconceitos cotidianamente, ao mesmo tempo em outros círculos de vivência, tinham reforços super positivos de compreensão do outro, de aspectos culturais do outro. (Francisco, professor de História).

[...] a minha trajetória ela é muito marcada pela militância social. E isso ao mesmo tempo, foi uma verdadeira escola, escola no sentido de estar desenvolvendo essa capacidade de educação transformadora, de transformar a vida das pessoas e ao mesmo tempo transformar também a minha vida, porque educação é esse processo, transformação pessoal e social. [...] Então te diria que a vivência no mundo social, dos movimentos sociais, ela foi extremamente significativa, porque me permitiu conhecer a realidade, vivenciar a realidade no que ela é de mais importante, que é a dinâmica da diversificação, que é a dinâmica de conviver com o diferente, pra se combater os antagônicos. (Leonardo, professor de História).

O professor Luiz relata sobre sua experiência pessoal como sendo um fator preponderante em sua formação e em sua conduta para com os mais variados grupos étnicos.

Minha mãe era professora do Ensino Fundamental, mas minha mãe tinha uma história de vida muito legal, muito diferenciada, porque com 16 anos ela entrou pro convento das carmelitas, com 19 anos ela foi pra África trabalhar em missões e ela viveu 8 anos na Costa do Marfim, então eu adorava desde pequeno ouvir a história dela, da cultura Africana, dos animais, da poligamia que ela via lá. Uma coisa que me marcou muito é que ela falava assim que, nas sociedades que ela conheceu na Costa do Marfim, ela não conhecia mentira, o negro lá ele não mentia, se ele fosse seu amigo, ele era um amigo até a morte, né, ele confiava em você até a morte e te defendia até a morte, então era muito assim, ela me trazia uma ideia de que o negro era muito honesto, o negro dentro daquela simplicidade, dentro da própria pobreza que existia na Costa do Marfim, o negro conseguia ter esses valores, as vezes que a nossa sociedade capitalista não existe. [...] Essa minha formação não acadêmica, né, que eu adquiri ao longo da vida, a minha experiência contribuiu para quebrar esses preconceitos, eu me vejo hoje uma pessoa completamente livre de preconceitos, seja eles raciais, religiosos ou até de identidade de gênero.

Uma perspectiva diferente foi observada no depoimento da professora Dulce que, em sua reflexão, apontou sua formação familiar e escolar, especificamente no ensino básico, como intensificadora de uma visão estereotipada, por exemplo, sobre outras etnias e sobre outras religiões. A professora atribuiu uma mudança em sua visão a partir da graduação, enfatizando que o curso de História foi fundamental para que adotasse uma postura não só de respeito ao outro, mas de atuação contra qualquer tipo de preconceito.

Eu acho que a minha formação pessoal ela contribuiu, infelizmente, contribuiu mais para que eu tivesse um olhar mais preconceituoso. Em função da própria questão da mídia, do próprio ensino de história que eu tive na escola quando eu era aluna do ensino básico. Então eu acho que não foi um ensino de História que contribuiu muito pra desfazer esses estereótipos; da minha própria formação familiar, então posso dizer isso sem problemas, que minha família é uma família mais conservadora, é uma família católica, então muitas vezes as representações que apareciam sobre outras religiões eram representações no sentido de reforçar alguns estereótipos preconceituosos, principalmente religiões de matriz africana, então tem um certo preconceito em relação a isso. E o que foi decisivo pra que eu mudasse meu olhar e minha postura foi sem dúvida minha formação acadêmica, foi a partir do momento que eu tive contato com as discussões na universidade com o curso de História é que contribuiu pra que esse meu olhar e essa minha postura diante desse tipo de questão se alterasse.

O professor, quando adquire uma formação a respeito da diversidade e da pluralidade, seja no meio acadêmico ou em suas experiências pessoais e coletivas, sensibiliza-se para o problema e, com isso, estará mais motivado a se aperfeiçoar, a buscar material complementar. Estará atento às situações que envolvem preconceitos e discriminações, haverá maior possibilidade no interesse por leituras voltadas para o assunto. Enfim maiores chances de

aprofundamento para, conseqüentemente, atuar de forma mais adequada, mais eficiente e muito mais eficaz.

Para entender um pouco mais sobre as funções atribuídas ao livro didático, os docentes foram questionados sobre seu conteúdo, com o intuito de se esclarecer a respeito das visões sobre os muçulmanos, judeus, índios e negros. De maneira geral, os profissionais da Educação da área de História destacaram que as temáticas relacionadas às questões étnicas, raciais e religiosas são tratadas de forma bastante genérica, embora já se avançou bastante nas publicações mais recentes:

[...] eu vejo uma visão menos reducionista do que os manuais mais antigos, muitos dos quais não eram escritos por historiadores de formação. Então eu acho que essa visão reducionista ela ainda existe em alguns manuais, mas eu tenho uma visão mais otimista acho que isso vem mudando um pouco e vem se complexificando um pouco mais (Dulce, professora de História).

Eu acho que já diminuiu, mas o livro didático tem uma tendência a enfatizar a classe dominadora. Então, como essas classes sociais eram mal vistas, digamos assim, vistas em segundo plano, o livro não foca muito a questão de judeus, de negros e de índios (Oscar, professor de História).

Essas ponderações nos remetem a Choppin (2002, p. 14) com a seguinte reflexão:

Depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o "saber-ser") os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se. Mas, além desse conteúdo objetivo cujos programas oficiais constituem a trama, em numerosos países, o livro de classe veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais ou menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz ao grupo social de que ele é a emanção: participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude.

Percebe-se que os profissionais docentes da área, ao adotarem o livro didático de História, nem sempre seguem integralmente os conteúdos propostos. Quando há visões reducionistas e genéricas, recorrem a outras fontes, inclusive a outros livros didáticos, para, assim, apresentar aos discentes pontos de vista alternativos, objetivando com isso uma amostragem de que não existe apenas uma interpretação sobre os acontecimentos históricos.

Pelo caminho das análises das respostas, constata-se que os entrevistados estão atentos às questões do preconceito e dos estereótipos constantes nos manuais e no ambiente da sala de aula. Buscam, através das diversas formas didáticas e de escolhas metodológicas, desconstruírem representações acerca de determinados grupos sociais históricos. Apontam, ainda, o papel dos cursos de graduação na formação dos futuros professores e uma discussão acerca da importância da escolha dos manuais que estejam em consonância com as tendências historiográficas recentes.

Então acho que esse caminho começa dentro da formação do ensino superior mesmo, né. Dentro do ensino superior tem que se passar essa preocupação pra esses estudantes que vão ser professores no futuro de que eles têm que ter essa preocupação, que quando eles forem profissionais, de desconstruir essas visões com os alunos, né? De problematizar isso com os alunos (Dulce, professora de História).

Então você não tem só o livro didático para ensinar a diversidade, você pode pegar cenas do cotidiano, você pode pegar matérias de jornais, você pode pegar alguns acontecimentos dentro da própria escola, alguns casos de bullying, alguns casos de intolerância e usar isso no seu dia a dia. (Luiz, professor de História).

Acredito que o caminho pra diminuir os rótulos e preconceitos é um trabalho diferenciado sobre esses temas, conhecer. Ah... Então no que que está baseada a cultura muçulmana? Ah... Vamos dar uma olhada aqui no corão, o que diz o corão? Ah, o corão não diz que se deve matar o outro, pelo contrário, diz que deve fazer caridade, ajudar o próximo, respeito à família, a mulher. Então o conhecimento profundo desses preceitos faz com que os rótulos, os preconceitos sejam rechaçados ou diminuídos. Somente conhecendo... E pra isso o material tem que ajudar e, mais do que isso, o professor precisa se empenhar na questão. (Francisco, professor de História).

A História é muito mais do que ciência do passado, como afirma Bloch (2002, p. 67), “é a ciência dos homens no tempo”. Cabe, então, aos docentes fazer as escolhas e selecionar temas que permeiam o cotidiano dos alunos, buscando nos pequenos espaços oferecidos pelos documentos oficiais, uma oportunidade de construir um novo olhar e um novo posicionamento político de comprometimento com a formação autônoma do educando. Bittencourt (2012) enfatiza sobre a importância da busca de aproximações entre o passado distante e o presente, dar voz a outros sujeitos a fim de superar a visão parcial conferida à História.

Para Ribeiro e Siquelli (2015), as propostas curriculares não podem simplesmente ser reproduzidas, como se fossem uma obrigação. A situação de reprodução cria uma sensação de facilidade e eficácia em promover a aprendizagem. Elas têm que ser problematizadas a partir da prática consciente do professor para que a aprendizagem do aluno também se consolide de forma consciente, não alienada.

Esse comprometimento com a aprendizagem do aluno passa também pela escolha do livro didático. A cada três anos, as escolas realizam suas escolhas com base nas avaliações de cada coleção apresentada pelo Guia dos livros didáticos, que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) disponibiliza para os docentes. Vale lembrar que o PNLD estabelece critérios comuns e específicos para eliminar ou classificar os livros, em busca de um padrão mínimo de qualidade para o ensino. Dentre esses critérios encontra-se o que se refere à construção da cidadania e está descrito assim:

Em respeito à Constituição do Brasil e para contribuir efetivamente para a construção da ética necessária ao convívio social e à cidadania, a obra didática não poderá: - veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, linguagem e qualquer outra forma de discriminação; - fazer doutrinação religiosa, desrespeitando o caráter leigo do ensino público (BRASIL/MEC, 2004, p. 27).

Dentro da perspectiva da diversidade, foi indagado aos profissionais entrevistados sobre como administram a questão da intolerância racial e religiosa em seu cotidiano profissional e se desenvolvem algum projeto de valorização da diversidade cultural. A partir dos depoimentos analisados percebeu-se que os professores reconhecem a importância de trabalhar a intolerância, mas não realizam uma ação a partir de projetos específicos sobre a diversidade. Os professores Paulo, Dulce e Olga, ressaltaram:

A gente não trabalha de forma específica com nenhum projeto que trabalhe a diversidade, o preconceito. Todas as ações na escola, inclusive as minhas, são paliativas. Só quando surge algum tipo de conflito que existe essa intervenção nesse sentido. (Paulo, professor de História).

Normalmente, é claro, como eu dou aula de História a gente vai problematizando isso em diferentes períodos da História em diferentes contextos. Em relação a algum projeto específico, é, na verdade não, eu tenho alguns. Só questões dentro da sala de aula mesmo, então, às vezes, eu uso alguns temas ali da história pra poder puxar esses ganchos pra eles, um projeto específico eu nunca criei sobre isso não. (Dulce, professora de História).

Não, não desenvolvi nenhum projeto específico sobre isso não, mas como que eu trabalho? Não sei, eu acho que não tem muito uma receita, mas quando eu tento tratar esses temas dentro de sala de aula, eu procuro falar pros alunos, fazer os alunos se colocar no lugar do outro. (Olga, professora de História).

Já os professores Francisco e Luiz, como pode ser observado nos fragmentos abaixo, contextualizam o conteúdo do livro didático ou mesmo alguma situação recorrente no ambiente da sala de aula, com o propósito de uma discussão sobre a tolerância:

Quando vamos tratar cruzadas, que é um tema clássico da baixa Idade Média, a gente trabalha essa diferença entre o eu e o outro, é muito interessante trabalhar nesse tema, pegar um documento que mostra as cruzadas na visão dos cristãos, a cruzadas na visão dos árabes e depois disso que a gente vê essa diferença de ideias o que era pra cada um ver essa contraposição também nos dias de hoje, as visões de mundo, trabalhar fundamentalismo, e assim por diante. Então são pontuais, colados, geralmente, com algum assunto parecido. (Francisco, professor de História).

Hoje, por exemplo, umas das discussões mais quentes nas minhas aulas de História, é em relação a lei de cotas, né, porque ela é muito polêmica, inclusive até entre os acadêmicos, mas aí eu faço o aluno a se colocar no lugar do outro, a gente tenta, vamos pesquisar então, qual o número de negros nas universidades, vamos pesquisar qual é a questão salarial do negro, e o indígena, quantos indígenas que

vocês conhecem que é médico, quantos indígenas você conhece é professor, né, então a hora que o aluno começa a perceber essa diferenciação ele diminui, a tendência é ele diminuir esse preconceito. (Luiz, professor de História).

As falas dos docentes mostraram que as iniciativas em torno de temas como a diversidade, a tolerância e o preconceito são ainda muito tímidas. Percebe-se relativa dificuldade dos professores em encontrar novos conteúdos para debates em salas de aula, restringindo-se ao que está nos currículos e nos livros didáticos.

Ficou patente que a tolerância religiosa em relação aos judeus e aos muçulmanos é uma temática praticamente ausente em debates dentro da sala de aula. Entende-se que discussões relacionadas à questão racial, étnica e religiosa requerem cuidados no momento da abordagem, pois, na maioria das vezes, já existem informações estereotipadas e alienadas sobre o assunto. Assim, é importante pensar em um preparo prévio por parte dos educadores para articularem novos raciocínios e construir novos saberes.

A colonização portuguesa resultou, em sua essência, na valorização dos povos e das tradições culturais de matrizes europeias em detrimento das populações e culturas de matrizes africanas e indígenas, dentre outras. Consequentemente, esse etnocentrismo de base eurocêntrica, alicerçada na propagação da superioridade de povos, raças e culturas produziram a cultura do racismo, da exclusão e da marginalização. Fonseca (2013) propõe uma leitura da História do Brasil na perspectiva das relações entre os diferentes povos que formaram a nação brasileira, reconhecendo como uma das marcas desse processo, a diversidade de povos e culturas.

Para a autora, cabe ao professor, em sua prática de ensino e da aprendizagem de História, refletir sobre o preconceito e a discriminação racial, social, religiosa e étnica para combater o etnocentrismo europeu, tão arraigado no ensino de História. Esse novo olhar perpassa por mudanças na historiografia, nos currículos, nas identidades e culturas, nos livros e materiais didáticos e na formação de professores. Em todos esses componentes estão implícitos ou explícitos, tradicionalmente, ideias, valores, noções que podem contribuir para atenuar ou robustecer práticas racistas e excludentes.

A promoção de um trabalho educacional na perspectiva da diversidade cultural pressupõe ações que vão desde a formação inicial e continuada do professor sobre as relações étnico-raciais para ações educativas multiculturalmente orientadas; prossegue pela aquisição de materiais didático-pedagógicos que respeitem e promovam a diversidade, pelo provimento das bibliotecas de obras didáticas e paradidáticas sobre a temática, e se complementa com a construção de projetos pedagógicos que valorizem os saberes dos diversos grupos sociais (FONSECA, 2013).

O papel do ensino de História é formar uma consciência histórica e cidadã dos jovens para a construção de uma sociedade democrática e multicultural. Fonseca (2013, p. 113) ainda acrescenta: “A sociedade multicultural requer o enfrentamento de práticas discriminatórias e preconceituosas, portanto a necessidade de conviver e educar para a diversidade e as diferenças múltiplas”.

Em decorrência do assunto desta pesquisa sobre a convivência entre cristãos, muçulmanos e judeus no medievo ibérico, outro questionamento feito aos professores foi a respeito do tratamento trazido pelo livro didático de História em relação à Idade Média num sentido geral e, de maneira específica, sobre a História Ibérica Medieval. As informações prestadas pelos entrevistados foram:

O livro didático não está bom ainda sobre a questão da Idade Média, pode melhorar mais. O recorte ibérico ainda é problemático, por vários sentidos, primeiro que, em virtude desse privilégio que houve durante várias décadas sobre o olhar do feudo em si e suas características predominantes do feudo, é a Europa sempre esteve voltada ao estudo da Europa medieval, esteve voltada pela Inglaterra, França. E isso fez com que o deslocamento ocular não chegasse muito em Portugal, diga-se de passagem, o processo de feudalização em Portugal é totalmente diferente do que ocorre na França e na Inglaterra. Então em virtude disso e em virtude dos estudos que ocorreram nas últimas décadas na academia não terem chegado nos livros didáticos, os livros didáticos são extremamente pobres. (Francisco, professor de História)

A gente aqui ainda tem trabalhado conteúdos de História Antiga, de História da Idade Média, mas ainda é de uma maneira, até por uma questão de tempo e de escolha dos recortes, isso ainda é feito de uma maneira mais rápida, né? Então a gente trabalha de uma maneira mais generalizante talvez do que outros temas. Em relação à História Ibérica, especificamente, aí eu vou ser absolutamente honesta, a gente praticamente não trabalha, né? A questão do período ibérico medieval, isso é uma coisa que aparece muito pouco, que às vezes a gente retoma quando a gente vai falar, por exemplo, do processo de colonização do Brasil, que aí a gente retoma pra trabalhar algumas especificidades da península ibérica para pensar as influências que isso tem na América. (Dulce, professora de História).

Em relação à História Ibérica Medieval, eu acho que é um pouco deficitária, eu acho que os livros tratam pouco e, às vezes, de uma maneira superficial em relação a esses temas, eu acho que eles tendem a privilegiar as questões mais políticas do que questões mais religiosas ou de sociedade. (Olga, professora de História).

Quando se analisa o livro didático na questão da colonização, da Idade Média, a visão que a gente tem é uma visão eurocêntrica, então é aquela visão que os vencedores trouxeram para a América. Então, quando você analisa aí, cruz e espada se uniram na colonização, e a ênfase foi pra quem? Para a religião católica. E a partir daí muçulmanos ficaram sem muitos comentários, né? É a História dos vencedores que foi ensinada, nós temos um olhar, né? E esse olhar é eurocêntrico, a Europa pra cá, então por isso que a gente tem ainda essa visão meio preconceituosa de muçulmanos no nosso meio. (Anita, professora de História).

É salutar e extremamente válido o entendimento de como os livros didáticos se constituem em um dos vetores da circulação da História Medieval no ambiente escolar. Quando se

pensa especificamente em História Ibérica Medieval, há o interesse em saber como o conceito de Idade Média e o próprio período são apreendidos e como esses saberes são construídos em sala de aula. Assim, um dos caminhos que se percorre para a compreensão desse processo é o que leva à investigação da forma pela qual o medieval peninsular tem sido abordado nos manuais escolares.

Oliveira (2010), ao investigar alguns livros didáticos de História, concluiu que a Idade Média é apresentada de diferentes formas: enquanto alguns autores são mais factuais e historiográficos, outros optam por apresentar as questões mais culturais. E isso reflete na fala dos alunos quando muitos mencionam uma Idade Média construída historicamente e outros estabelecem uma relação com lendas e mitos.

Pereira (2009), que também realizou estudos sobre as publicações didáticas, numa de suas conclusões pontuou que:

Nas publicações didáticas atuais observa-se um duplo movimento: por um lado ainda continua a visão, em geral marxista, que mostra a Igreja como a instituição que domina totalmente a cultura e todos os aspectos da vida no medieval. Por outro lado, há um importante movimento de incorporação dos avanços historiográficos do século XX. Nesse sentido, é interessante verificar que os livros didáticos têm preocupações com citação de medievalistas reconhecidos, tanto literalmente, quanto como referência; é considerada a diversidade da vida medieval; há uma relativização de conceitos antes considerados generalizações sobre o período, tais como o do feudalismo e o de sociedade de ordens (PEREIRA, 2009, p. 4).

Ao referir-se sobre o ensino de História Medieval, Oliveira (2010, p. 123) cita José Rivair de Macedo, já mencionado neste trabalho quando o medievalista propõe a “descolonização” do ensino da Idade Média. A autora assim descreve:

De acordo com ele, como a história medieval diz respeito mais efetivamente à história da Europa (ou melhor, de parte do continente europeu), quando ela é ensinada sem se mencionar que não é algo hegemônico caímos em erro. Uma atitude introdutória e relevante seria “reconhecer identidades em geral deixadas por nós em segundo plano” (p. 115). Uma das que deveriam ser reconhecidas como parte do mundo medieval e que daria outra dimensão a esse estudo no Brasil, é a Ibérica.

A história medieval faz parte do ensino de História e como tal deve estar nos bancos escolares, construindo saberes e proporcionando visões sobre o passado e o presente. Para Pereira (2012), o estudo da Idade Média e da relação constituída desde o renascimento até os dias atuais, entre a Europa moderna e os medievais, pode servir para a elaboração crítica da História que tem sido escrita sobre os medievais e sobre os povos conquistados; e, ainda, a crítica ao etnocentrismo europeu no ensino de História de modo geral. O autor acrescenta que, embora as pesquisas na área do ensino de História tenham se intensificado nos últimos anos, permanece a ideia de que a sala de

aula ainda não se desvencilhou inteiramente do modelo e da referência da Europa Esclarecida para contar a história de outras épocas e outros povos.

É preciso problematizar a construção do conceito de época medieval e, conforme Pereira (2012, p. 234), "liberando o que de rebeldia, de transgressão e de intensidade fora, por longos séculos, apagados da nossa triste memória, em favor do plano estático da guerra, da Igreja e da imobilidade social". Revelar o medievo como espaço plural e permitir um ensino que provoque encontros com a diferença. Além disso, pensar o ensino de História, particularmente um ensino da Idade Média e dos povos silenciados, como algo inverso do que tem sido mostrado.

Nessa proposta, o ensino de História terá papéis importantes: que é o de construir e desconstruir verdades, fazer pensar e elaborar novas concepções. "A Idade Média ainda está presente em nosso cotidiano e pode nos ensinar muito, tanto do passado que ela representa, quanto da realidade cotidiana que tem muitas permanências e continuidades do medievo" (FELDMAN, 2012, p. 1).

Muitas das crenças e muitos dos preconceitos existentes no Brasil, segundo Feldman (2012), provêm do medievo. Esse legado de saberes e crenças, recicláveis e úteis na formação cultural e ética do povo brasileiro, influenciou a sociedade com valores culturais e artísticos, religiosidade e filosofia; já outros saberes legaram preconceitos, mitos e superstições. O autor, estudioso da História Judaica, enfatiza que:

Numa era de diversidade cultural e de diálogos interconfessionais e interétnicos, de busca de respeito às minorias segregadas historicamente, refletir a partir do medievo, sobre um desses agrupamentos discriminados e hostilizados pela maioria dominante, é um exercício de reflexão enriquecedor e necessário (FELDMAN, 2012, p. 1).

As bases da Idade Média foram construídas a partir do olhar contemporâneo sobre o medievo. Tal enfoque, segundo Pereira (2009), esteve recheado de generalizações e preconceitos. Consequentemente, o aprendente constrói uma visão linear da História em que o presente passa a ser o critério de julgamento do passado, além da persistência da ideia de que a produção cultural medieval tenha sido pouco importante e sem significado para a formação do Ocidente. Ademais, a Idade Média na Península Ibérica segue demasiadamente desconhecida pelos professores, pelos autores de livros didáticos e, sem dúvida, pelos estudantes da escola básica. O autor considera fundamental:

[...] apresentar uma gama variada de manifestações culturais da Europa medieval em geral e da Península Ibérica em particular. Assim, é possível que os estudantes possam olhar a Idade Média como uma civilização que produziu cultura, não somente na construção de Igreja – estilos da arquitetura românica e gótica –, mas, também, na poesia, literatura e educação (PEREIRA, 2009, p. 10).

Quando se trata de tornar patente a cultura medieval nos livros didáticos surgem variadas situações. Podem ser citadas, por exemplo, as canções de gesta, os trovadores, o nascimento das universidades e os romances de cavalaria. Além disso, cada etapa do medievo pode ser caracterizada culturalmente: o império carolíngio, o feudalismo, a Baixa Idade Média, assim como os bizantinos e os muçulmanos (PEREIRA, 2009).

Narrar de forma sistemática a história da Península Ibérica Medieval, da mesma maneira da história da Idade Média, constitui-se em um exercício importante para evidenciar as relações e as influências dos povos que lá coexistiram (cristãos, muçulmanos e judeus) na formação do homem brasileiro. Sendo assim, aproximará a Idade Média do cotidiano da sala de aula e fará com que o discente descubra que a civilização brasileira tem muito da Idade Média europeia. Muitos dos costumes e hábitos que fazem parte do dia-a-dia do homem brasileiro é herança desse período.

Quanto ao estudo sobre a Península Ibérica no período Medieval, as respostas revelaram que o assunto não é discutido pelos docentes. O professor Luiz se manifestou da seguinte forma: “Pra ser sincero, essa pergunta me fez, talvez pela primeira vez, pensar em uma discussão sobre a História Ibérica”.

Nos depoimentos, os entrevistados destacaram algumas dificuldades encontradas quando se pensa a prática eficaz dessa discussão sobre a História Ibérica. Dentre elas, mencionam o acervo bibliográfico insuficiente, a ausência de formação e a elevada carga horária dos professores. Contudo, consideram esses contextos histórico e geográfico importantes, sobretudo pela relação com a formação do Brasil e pelo entendimento da situação histórica das minorias étnicas e religiosas, vejamos:

Sem dúvida nenhuma os temas postos aí são de relevância não só pra História, mas pra filosofia e sociologia. Poderiam ser debatidos com muita veemência, com muita facilidade e com interesse dos alunos. O tema da História Ibérica eu aponto que duas coisas seriam grandes dificultadores: primeiro eu aponto que a escola não tem na sua biblioteca um acervo bibliográfico suficiente e, diga-se de passagem, que utilizar os manuais didáticos não daria porque são extremamente precários, então um dos problemas seria problema bibliográfico. Segundo problema é realmente a formação, diga-se de passagem, nunca conversei sobre esse tema especificamente com os colegas, mas lembrando minha formação na área de História é muito deficitária a formação sobre a História Ibérica, essencialmente, os textos mais robustos de História Ibérica são muito posteriores à Idade Média, são posteriores com a influência no período da vinda da família real pra cá, depois a revolução dos cravos. Então as leituras de História ibérica, na época de graduação, é isso. Eu creio que permeia a formação de todos os colegas aqui, não se remontam ao período medieval, principalmente. Esse período que eu sei que teve muito avanço na bibliografia nas últimas duas últimas décadas, ainda não chegou nos livros didáticos e, logicamente, que nós que formamos há algum tempo estamos carecendo de mais estudos sobre a área. (Francisco, professor de História).

Então, acho que aqui dentro da instituição existe um espaço propício pra se fazer esse tipo de discussão e eu acho que é super relevante, né, pra nossa atuação porque a gente vai problematizando inclusive vai repensando um pouco das nossas praticas pedagógicas, da nossa própria visão sobre algumas questões. Então, acho que é bastante relevante sim. E pensar inclusive sobre o próprio material que a gente vai trabalhar com os alunos, que vai ser referência pros alunos. Então, acho que na instituição há espaço e acho que isso é relevante sim. [...] Uma vez que a Península ibérica ela foi, ela teve um papel muito importante na formação do país que nós vivemos hoje, do continente em que nós vivemos hoje. Então acho que seria importante sim. (Dulce, professora de História).

Relevante seria, mas eu acredito que por n fatores juntar o pessoal pra discutir sobre o livro didático, a abordagem sobre temas como a História ibérica, ou como ele aborda os muçulmanos, os judeus, os cristãos e a convivência, é praticamente impossível quase todos os profissionais atendem em diferentes escolas. (Paulo, professor de História).

Com certeza, hoje a gente tem uma liberdade muito grande de discussão, né? Então acho que a gente tem que usar muito disso, usar muito dessa liberdade que a gente tem de falar sobre essas coisas. E a gente vive um momento histórico importante que é o momento que essas minorias estão aí indo às ruas, indo pra lutar pelos seus direitos, então acho muito relevante a gente pensar em historicizar essas minorias desde lá da época da Idade Média, desde a época do que compete a História ibérica também, mais especificamente. (Olga, professora de História).

Por quais razões a História do medievo peninsular continua desconhecida pelos docentes? Segundo Lima (2012), os motivos têm a ver com o desenvolvimento em geral dos estudos medievais no Brasil. Até o final da década de 90 havia poucos doutores atuando nas instituições de Ensino Superior no Brasil, sendo raros os títulos sobre o medievo publicados por editoras brasileiras. As bibliotecas brasileiras não possuíam, em seus acervos, periódicos e livros sobre temáticas medievais (SILVA, 2004 *apud* LIMA, 2012).

No final da década de 90 e na primeira década do século XXI, a situação começou a se reverter e o medievo alcançou relativo prestígio nas publicações didáticas. Entretanto, ainda há uma escassa bibliografia, o que tornou e ainda torna difícil o acesso, a sugestão e a divulgação de novos temas e de novas abordagens sobre os estudos medievais ibéricos. Isso impactou, claramente, a dinâmica de produção de livros didáticos e, conseqüentemente, o trabalho dos professores em salas de aula.

Silveira (2009) propõe uma leitura sobre as novas tendências temáticas e metodológicas da medievalística europeia, especificamente da alemã, que trata da diversidade na cultura europeia. Essas correntes, segunda ela, pontuam as profundas trocas culturais entre as três religiões monoteístas no medievo ibérico como sendo o melhor exemplo para se estudar a convivência, o respeito e as relações de tolerância e intolerância. A autora ainda esclarece que: “Esta nova

tendência da medievalística alemã tem uma razão clara para todos que trabalham com o tema: combater um discurso excludente em relação aos estrangeiros, principalmente aos de confissão muçulmana” (SILVEIRA, 2009, p. 655).

Considerações Finais

As análises das entrevistas foram realizadas buscando uma compreensão das escolhas e dos usos que os professores fazem dos conteúdos dos livros didáticos, especificamente, em relação aos capítulos referentes ao período medieval, com foco na Península Ibérica.

Foi constatado, pelos dados das entrevistas, que a História do medievo ibérico e seus desdobramentos como a convivência entre cristãos, muçulmanos e judeus não foram considerados no momento da escolha do livro didático. A abordagem na sala de aula sobre a História de *Al Andalus* segue os parâmetros que são evidenciados pelo livro didático e pelas propostas curriculares oficiais, em que os temas são abordados de forma reduzida, em decorrência de outros assuntos considerados mais relevantes.

Para os professores entrevistados, o curso de História contribuiu para rever paradigmas construídos no senso comum sobre as minorias étnicas, desconstruindo estereótipos sobre os judeus, os muçulmanos, os índios e os negros. Da mesma forma, atribuíram à experiência pessoal e à convivência com diferentes grupos sociais, culturais e religiosos uma visão mais aberta e menos preconceituosa em relação ao outro.

Embora um dos professores tenha narrado que sua experiência familiar e escolar no Ensino Básico tenha reforçado alguns estereótipos, de maneira geral, concluiu-se que as formações profissional e acadêmica constituíram em um fator preponderante para o desenvolvimento de uma prática docente comprometida com a diversidade.

Sobre o uso do livro didático, os docentes referiram-se aos manuais adotados como recursos que oferecem possibilidades de trabalho, porém acentuaram a necessidade de uma constante renovação em termos metodológicos. Quanto aos conteúdos desses manuais, identificou-se a preocupação em analisar os textos e as imagens, a fim de se discutir o preconceito, a intolerância e a diversidade.

Os professores utilizam o livro didático como apoio e, quando há visões reducionistas, recorrem a outras fontes e outros recursos para problematizá-las. Outra questão trazida pelos dados das entrevistas realizadas com os professores e também com os supervisores pedagógicos foi o descompasso entre o que é abordado pelo livro didático e o que está previsto no CBC do estado de Minas Gerais. Enquanto os livros didáticos elegem os conteúdos de História Antiga e Medieval, a proposta do CBC trabalha com a História de Minas e do Brasil.

Ficou claro que os docentes buscam um constante diálogo com o dia-a-dia da sala de aula, partindo dos subsídios produzidos pela vivência dos alunos. Quando surgem situações ligadas à intolerância racial e religiosa, ou ainda à violência e à discriminação entre os estudantes, atentam para uma discussão com eles acerca dos motivos desses comportamentos, de forma a provocar uma reflexão mais aprofundada. Essas e outras questões relacionadas ao preconceito são desenvolvidas também como consequência da contextualização dos conteúdos do livro didático. Entretanto, são ações pontuais, não resultando em nenhum projeto mais sistemático.

Apesar dos educadores específicos da área de História discutirem e problematizarem questões sobre intolerância, preconceito e estereótipos, essas iniciativas ainda não são suficientes. A tolerância religiosa em relação aos judeus e aos muçulmanos, por exemplo, é um tema pouco aprofundado no debate em sala de aula. Mesmo diversificando as ações voltadas ao despertar do interesse através de diferenciados tipos de fontes, como artigos publicados, revistas, internet, percebe-se que a mesma ausência notada nos manuais, será, na maioria das vezes, a mesma também nas aulas de História.

No que se tange ao tratamento dispensado pelos livros de História em relação ao estudo sobre o medievo, em geral, e o peninsular, em particular, os entrevistados afirmaram que as menções à Península Ibérica são ainda problemáticas. Isso se dá pela inclusão de vários estereótipos genéricos sobre o medievo, deixando de ressaltar essa região. A Idade Média é identificada como feudalismo e é dada ênfase a outras regiões europeias, como a França, a Inglaterra e a Alemanha. Além disso, a Igreja cristã é considerada uma instituição altamente poderosa. Segundo o professor Francisco, isso ocorre porque as produções acadêmicas ainda não chegaram às publicações didáticas.

Os docentes envolvidos nesta pesquisa são unânimes quando se trata da importância da formação de grupos com seus pares para uma análise pertinente sobre os livros de História, aprofundando o estudo sobre a Idade Média e repensando as práticas pedagógicas e visões estereotipadas em relação às minorias étnicas e religiosas. Reconhecem a importância de se contar uma História contextualizada e avançar nos estudos sobre a Península Ibérica, uma vez que aspectos culturais presentes na formação do homem brasileiro têm suas raízes em Portugal.

É importante ressaltar que, além de investimento na formação e na conscientização do docente para um trabalho fomentado e comprometido com a pluralidade e a diversidade, torna-se fundamental também que essas temáticas estejam contempladas nos documentos oficiais, no Projeto Político Pedagógico da escola e no planejamento do docente. Além disso, o livro didático precisa contribuir significativamente para as discussões acerca de questões étnicas, religiosas e raciais.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, C. Abordagens Históricas sobre a História Escolar. *Rev. Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 83-104, jan./abr., 2011.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHOPPIN, Alain. O Historiador e o Livro Escolar. *Rev. História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas (RS), v.6, n.11, p. 5-24, abr. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30596/pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2020.

FELDMAN, S.A. Como tratar dos judeus no ensino de Idade Média? *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v.6, n.11, out. 2012. ISSN: 1982-3053. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/3077-8712-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/3077-8712-1-PB%20(5).pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2016.

FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino em História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2013.

LIMA, M. P. Representações da Península Ibérica nos livros didáticos: os (des)compassos entre a escola e a academia. *Rev. História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 165-196, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/images/publicacoes/2012/numero-1/volume-6-n-1-edicao-completa.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

MACEDO, J. R. Repensando o ensino da Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, N. A. S de. Os estudos da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História. *Cadernos do Aplicação (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 23, n.1, p. 101-123, 2010.

PEREIRA, N. M. As representações do Outro nos livros didáticos de História, no Brasil e na Espanha: uma leitura inicial. *Rev. Iberoamericana de Educación*. n.º 50/6 25 out. 2009. Disponível em:< <http://rieoei.org/3087.htm>>. Acesso em 23 fev. 2020.

_____. Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo. *Rev. Historiæ*. Porto Alegre, v.3, n. 3, p. 223-238, 2012.

RIBEIRO, A. N. F. & SIQUELLI, S. A. Ensino de História e Propostas Curriculares Oficiais: Análise por meio de protocolos. *Rev. História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 53, p. 99-121, jan/jun. 2015.

SENKO, E. C. *O passado e o futuro assemelham-se como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da História de Ibn Khaldun (1332-1406)*. 2012. 209f. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2012.

SILVEIRA, A. D. Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: Diversidade e unidade cultural europeia em debate. *História*, Franca, v. 28, n. 2. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/22.pdf>>. Acesso em 27 ago. 2020.